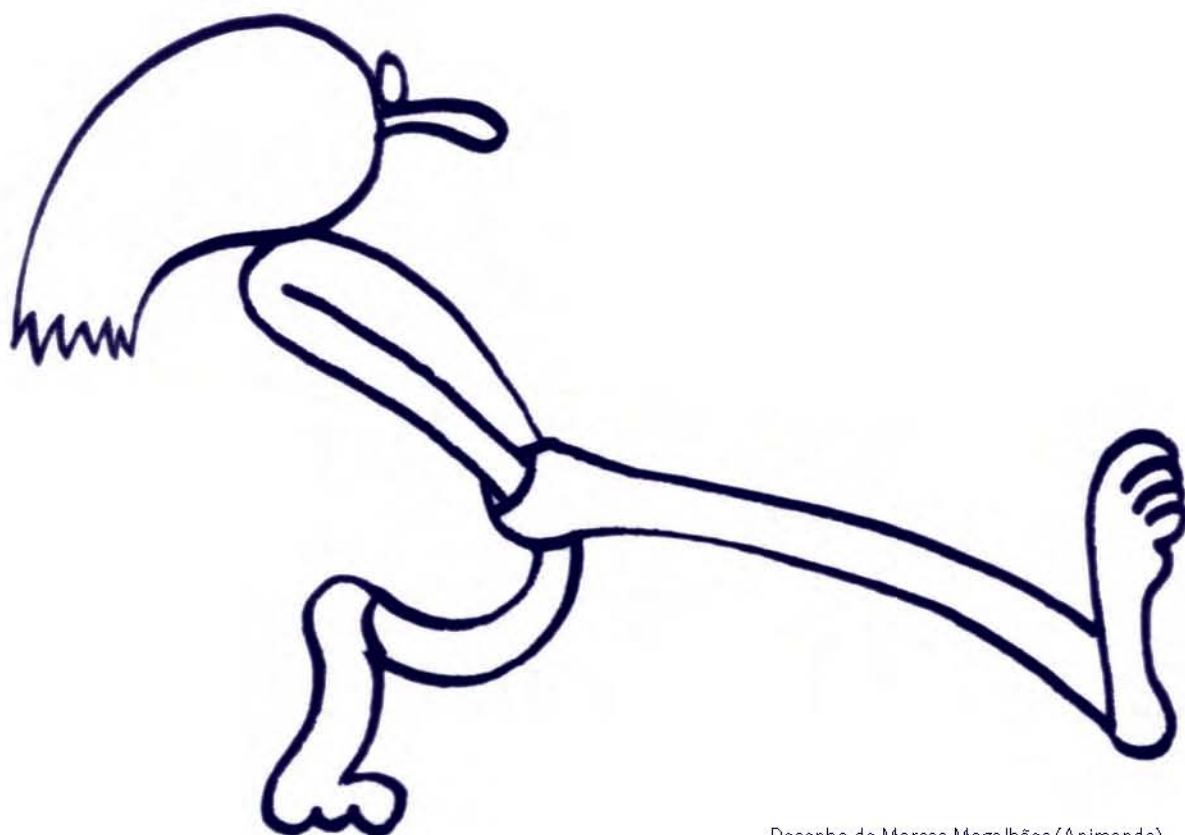


CTAv &

50



Desenho de Marcos Magalhães (Animando)

National Film Board

Um acordo que veio do espaço

Na década de 1970 Brasil e Canadá se tornaram parceiros num projeto de tecnologia espacial, o satélite BrasilSat. Posto em órbita, o BrasilSat transformou as comunicações no país, encurtou distância entre cidades e tornou possível a conexão com várias partes do mundo, iniciando uma nova época com transmissão direta de voz, imagem e dados.

O sucesso inicial dessa parceria desdobrou-se em outros acordos de troca e repasse de tecnologia entre as agências governamentais dos dois países. Um deles uniu pelo lado do

brasileiro, a Empresa Brasileira de Filme (EMBRAFILME) e a Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), e pelo lado canadense, o National Film Board.

As conversações tiveram início em abril de 1975, sendo concretizadas 10 anos depois, por meio de um Acordo e Ajuste Complementar, assinado em 19 de abril de 1985. No entremeio dessa década, no entanto, ocorreram ações conjuntas entre o NFB e a EMBRAFILME.

Em 1981, por exemplo, três bolsistas brasileiros estagiaram no NFB participando de seus programas de animação. Em março de 1982, James Domville, executivo do NFB, informava:

“Já foi realizado, com sucesso, um intercâmbio de cineastas. Os bolsistas brasileiros estiveram trabalhando em filmes no NFB e uma das produções, realizada por Marcos Magalhães, e finalizada durante o período em que ele esteve conosco, foi muito elogiada por nossos cineastas”.

A CRIAÇÃO DO CTAV

Vinculado à Diretoria de Operações Não-Comerciais da EMBRAFILME, o CTAV foi criado em março de 1985 para ser “um ponto de referência e um espaço de interação dos profissionais do meio cinematográfico; oferecer serviços e programas de formação e aprimoramento da mão-de-obra técnica; e promover a criação e a divulgação de normas técnicas, lançando assim as bases para o surgimento de uma política tecnológica para o cinema nacional”.

Entre suas atribuições estatutárias: “apoiar o desenvolvimento da produção cinematográfica nacional, dando prioridade ao realizador independente de filmes de curta, média e, eventualmente, longa-metragem; estimular o aprimoramento da produção de filmes de animação e curta metragem; (...) promover a implantação de medidas voltadas à formação, capacitação e aperfeiçoamento de pessoal técnico necessário à atividade cinematográfica; (...) atuar como órgão difusor de tecnologia cinematográfica para núcleos regionais de produção e apoiar o surgimento deles”.

Em abril de 1985, foi assinado o Acordo de Cooperação Técnica e o Ajuste Complementar.

Tinha duração prevista de dois anos, abril de 1985 a março de 1987, a um custo aproximado de US\$ 2,1 milhões, dos quais dois terços correspondiam à participação da Agência Canadense para o Desenvolvimento Internacional (CIDA) e um terço à participação da EMBRAFILME/MEC.

Os objetivos principais do Acordo: elevar a qualidade do som do cinema brasileiro, melhorar os métodos, práticas e procedimentos para manutenção do equipamento e controle de qualidade, e desenvolver o cinema de animação.

Como desdobramentos futuros ao acordo estavam previstos: projetos de distribuição não-comercial e comunitária, estratégias, meios e técnicas de difusão eletrônica, intercâmbio, e programa de co-produção de filmes, respeitando a liberdade de criação, com prioridade àqueles realizados por cineastas do sexo feminino dos dois países.

A CRIAÇÃO DA FCB

Em julho de 1988 foi criada a Fundação do Cinema Brasileiro (FCB), um órgão de desenvolvimento e difusão do cinema como manifestação cultural (curta e média metragem), no que se diferia da EMBRAFILME, já então caracterizada como uma empresa voltada para a produção e distribuição de longa-metragem e regulação do mercado cinematográfico.

O CTAV passa a integrar a estrutura da FCB, mantendo todas as suas atribuições culturais advindas do INCE, INC, EMBRAFILME e as que se acrescentaram como órgão técnico, a partir de acordo com o NFB.

No Relatório de Atividades (1989) da Fundação Cinema Brasileiro (FCB), dois anos após o fim do acordo com NFB, seus desdobramentos ainda se fazem presentes. Segue trechos do relatório:

“No CTA, os programas relacionados ao cinema de animação foram os que apresentaram resultados mais visíveis e de considerável repercussão. Basta lembrar que um desenho animado realizado como trabalho final do curso ministrado na oficina de animação da FCB, em 1985, obteve consagração internacional: *Quando os morcegos se calam*, de Fábio Lignini, ganhou cinco prêmios nos festivais Animation Celebration/87, em Los Angeles, Festival de Cinema de Animação de Hiroshima/87 (1º lugar) e no Festival de Havana/86. Na verdade, através do acordo com o Canadá, foi implantado em 1985 o primeiro centro formador de mão-de-obra para o cinema de animação no Brasil. O Canadá cedeu a maior parte dos equipamentos, inclusive quatro trucas de 16 mm computadorizada. Foram também técnicos canadenses que orientaram a instalação desses equipamentos e o primeiro curso de animação com técnicas de baixo custo.

Dez filmes foram produzidos, inclusive uma realização coletiva – resultado do curso profissionalizante: o média-metragem *Alex*, em 35 mm. Mas o que prevaleceu no Acordo Brasil-Canadá foi, antes de tudo, seu caráter difusor e formativo, e isto vale inclusive para o cinema de animação.

Regionalizar a produção era, já na implantação do núcleo de animação do Rio, um dos principais objetivos do Acordo com o NFB. A idéia era formar animadores, selecionando talentos das diversas regiões do país, para que pudessem

coordenar os núcleos que fossem sendo implantados em seus estados.

A FCB atua conveniada com universidades, TVs educativas, secretarias de Cultura e outras entidades. Nas oficinas de animação do Rio de Janeiro e nas que foram realizadas nos núcleos regionais, surgiu uma novíssima geração de animadores brasileiros”.

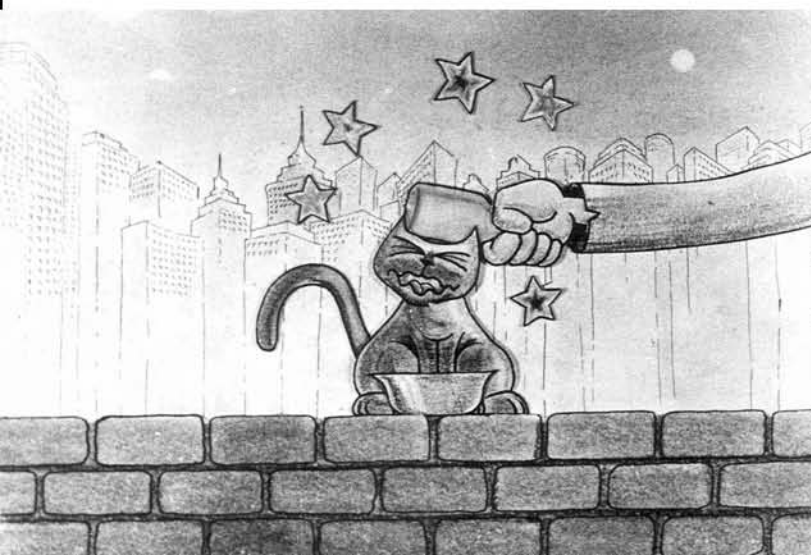
MARCOS MAGALHÃES ENCONTRA MACLAREN NO CANADÁ

“Quando eu fiz o meu primeiro filme em Super-8, era adolescente, tinha 15 anos, e meu ídolo era o Norman McLaren, a pessoa que mais inovou na linguagem da animação e experimentou diferentes técnicas. Eu que assistia seus filmes na Cinemateca do MAM, lia seus artigos em revistas, queria conhecer essa pessoa, queria saber como seus filmes eram feitos. Isso virou um ideal na minha cabeça. Mesmo depois, quando eu já tinha feito filmes em 35 mm, como profissional, o Norman McLaren continuava sendo uma referência muito forte.

No final dos anos 70, tive a oportunidade de participar de um festival internacional com o meu primeiro filme *Mão mãe*. Lá conheci outros animadores, alguns canadenses, que me falaram como era o National Film Board (NFB), onde trabalhava o Maclaren.

Em 1981, a EMBRAFILME e a CAPES firmaram um convênio para concessão de bolsas para cursos de aperfeiçoamento em cinema no exterior. Eu me candidatei, fui aprovado e tinha de passar três meses no estúdio do NFB.

Mas como a primeira coisa que queria fazer era conhecer o Norman McLaren, marquei uma entrevista e mostrei-lhe os meus filmes. Foi



ótimo porque logo se desfez a questão de um ídolo distante. Ele era uma pessoa muito interessada pelo Brasil. Um de seus formadores tinha sido um brasileiro, o Alberto Cavalcanti, e eles trabalharam juntos em Londres.

Esse apoio do McLaren me deu mais segurança no estágio no NFB.

Depois de ter assistido a tudo que faziam por lá, observado e conversado com as pessoas, eu resolvi fazer uma animação. Derick Lamber - que atualmente é um dos maiores produtores de animação do mundo -, me deu uma câmera em 16mm e um rolo de filme e me autorizou a fazer o que eu quisesse. O resto da minha temporada no Canadá foi ocupado na preparação desse filme.

Hoje em dia, quando relembro aquela época, penso que tive muita sorte.

Primeiro em encontrar o Norman McLaren ainda ativo, já que ele estava terminando o seu último filme; depois, por conhecer outras pessoas que hoje fazem parte da nata da animação mundial e que naquela época estavam em atividade no NFB. Esse contato com eles enriqueceu muito o meu trabalho.

Ao fim de três meses do curso, o projeto do filme já estava encaminhado, mas eu tinha que retornar ao Brasil. Novamente, então, procurei o McLaren, que não era mais o responsável administrativo, mas era a única pessoa que poderia prorrogar a minha estada. Foi ele quem assinou uma carta de recomendação para que eu ficasse mais dois meses no NFB. Com a manutenção da bolsa por mais esse período, consegui terminar o projeto do filme *Animando*".

Norman McLaren

Falecido em 1987, aos 72 anos, o animador escocês radicado no Canadá, vencedor de prêmios como o Annie (o principal da animação), o BAFTA (British Academy of Film and Television Arts) e do Oscar, é considerado um dos ícones inspiradores da animação brasileira. Alguns animadores, como Marcos Magalhães, conviveram com McLaren quando estagiaram no NFB. McLaren ficou conhecido por sua improvisação ao criar filmes animados. Uma de suas primeiras invenções foi a técnica de animação sobre película. Sem recursos para obter uma câmera que filmasse os desenhos, resolveu fazê-los diretamente sobre as películas. Em outros filmes, passou a combinar efeitos visuais e trilha sonora.

Ganhou um Oscar em 1953 pelo curta-metragem *Neighbours*, no qual apresentou ao mundo a técnica da "pixelização" (termo relacionado à capacidade de resolução). McLaren usou a mesma técnica em *A chairy tale*.

TELMO CARVALHO, BOLSISTA DA PRIMEIRA TURMA DE ANIMADORES BRASILEIROS NO NFB, FALA DA CRIAÇÃO DOS NÚCLEOS REGIONAIS DE ANIMAÇÃO

"Em 1982 fiz uma oficina em super-8 com Marcos Magalhães. Logo depois, fui para o Espírito Santo onde fundei uma escola de animação que resultou na produção de um filme com a técnica de massinha.

Campo Branco, Telmo Carvalho





Telmo Carvalho

Em 1985 fiz minha inscrição ao NFB. A seleção tinha como pré-requisito alguma experiência anterior em filmes de animação. Apresentei o filme que havia produzido com os meus alunos em Vitória e ele foi o meu passaporte para a primeira turma ao NFB.

O último cavalo foi meu primeiro filme profissional, todo ele feito dentro do CTAv com orientação de professores canadenses.

Posteriormente, ainda por meio do convênio, surgiu a possibilidade de criação de núcleos regionais de animação no Brasil. Assim, em 1986, fui para o Ceará, onde passei 15 anos ensinando o que havia aprendido com os canadenses. Em Fortaleza foi implantado o primeiro núcleo de animação e, entre os vários criados é o único que funciona até os dias de hoje, mantendo-se como pólo de produção de animação e de curta-metragem com o apoio do CTAv.

Minha trajetória profissional está vinculada ao CTAv. Foi o lugar em que fiz o meu primeiro filme e todos os posteriores, como *Campo branco*, que consumiu sete anos para ser produzido, com 25 mil fotografias como cenário. Se não houvesse o espaço disponível no CTAv eu levaria mais sete anos para finalizá-lo.

Em busca da cor, o mais recente que realizei, também foi todo produzido com apoio do CTAv. Um fato interessante: ainda usei sobras de material filmico do convênio com o NFB, afora serviços na truca em 35 mm e o estúdio de som. Uma parte do financiamento para a produção foi da Petrobras e outra do CTAv.

O CTAv é um marco no desenvolvimento do cinema de animação no Brasil. O *Festival Anima Mundi* é exemplo disso. Surgiu a partir dos profissionais que foram formados pelo NFB e pelo Centro Técnico Audiovisual”.

A RETOMADA DO ACORDO BRASIL E CANADÁ, NOVAS DIRETRIZES

Passados 21 anos foi assinado em 22 de março de 2006, o Programa de Cooperação entre o Centro Técnico Audiovisual da Secretaria do Audiovisual do MinC (CTAv/SAV) e o National Film Board (NFB).

O novo Acordo prevê a disponibilização e o intercâmbio de obras audiovisuais, além da formação de pessoal nas novas mídias digitais, realização de co-produções e atividades que envolvam ações conjuntas de ambos os países no setor.



Ninõ, Flávia Alfinito | O músico e o cavalo, Telmo Carvalho | Campo Branco, Telmo Carvalho

Esse novo acordo irá proporcionar, além de inúmeras vantagens no campo de intercâmbio tecnológico, uma oxigenação no desenvolvimento da animação no Brasil.

O Ministério da Cultura vê com grande entusiasmo o incremento das relações do Brasil com o Canadá. Essa decisão política busca possibilitar o desenvolvimento de obras e conteúdos em co-produção para a exploração do mercado internacional, o intercâmbio técnico e tecnológico, criando um novo ambiente para negócios e relações mutuamente vantajosas no campo artístico e cultural.

“A cooperação com o NFB deve ser encarada como estratégia pelo conjunto de contribuições que pode trazer para o desenvolvimento da atividade audiovisual brasileira. Essa relação com o Canadá em outros tempos resultou justamente na criação do CTAv e em um período muito positivo de atuação do órgão”, disse, na ocasião, Orlando Senna, então secretário do Audiovisual.

RESTABELECENDO UM NOVO FLUXO DE TROCAS DE EXPERIÊNCIAS AUDIOVISUAIS.

Na retomada do acordo, Diego Stoliar (RJ) e Jonas Brandão (SP) foram contemplados para um estágio denominado Hot House no NFB. Eles venceram 111 candidatos inscritos, dos quais oito chegaram à lista de finalistas.

Com duração de 12 semanas, o estágio foi o primeiro fruto do Programa de Cooperação entre o Centro Técnico Audiovisual(CTAv), da Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura e o NFB.

O programa Hot House, criado em 2003, pelos produtores Michael Fukushima e David Verrall, é voltado a diretores iniciantes que tenham alguma experiência em animação. O programa tem como objetivo reunir alguns animadores para a realização de diferenciadas animações de 30 segundos cada. Uma das metas é re-imaginar maneiras de se criar, de forma rápida e flexível, mantendo a excelência.

A cada edição, os projetos são idealizados e realizados a partir de um tema comum a todos e orientados por um mesmo mentor da instituição. Na quarta edição do Hot House, os dois brasileiros contaram com a orientação da dinamarquesa Torill Kove, vencedora do Oscar 2006 pela animação *Poeta irlandês*. A temática proposta foi a *chance encounter* (Um encontro inusitado).

Durante 12 semanas consecutivas no estúdio de animação do NFB, os participantes foram apresentados não só às etapas que iriam vivenciar na criação e elaboração, mas aos equipamentos, salas e a todos os profissionais envolvidos, encarregados de ministrar os *workshops*.

Cebolas são azuis, Marão

Uma casa muito engraçada, Toshie Nishio

O músico e o cavalo, Telmo Carvalho



A APRESENTAÇÃO DA IDÉIA

A primeira coisa que os participantes fizeram foi desenhar as partes mais importantes de suas idéias e montar uma apresentação para todos os integrantes - diretores e produtores - do Hot House. Assim todos opinavam e discutiam as partes mais problemáticas da história.

EDIÇÃO OFF-LINE

Entre o fechamento do conteúdo e o fechamento do ritmo, os alunos tiveram à disposição uma ilha de edição e uma editora. Ela discutia com todos como montar e apresentar da melhor forma os filmes. Assim os alunos poderiam prosseguir para o animatic.

FECHAMENTO DO RITMO E DA IMAGEM

Com o animatic pronto e algumas cenas mais importantes já animadas e coloridas, os participantes podiam fechar o ritmo do filme, o que era essencial para a composição da música.

DIREÇÃO MUSICAL E GRAVAÇÃO DE EFEITOS (FOLEY)

Tendo o ritmo definido, discutia-se com o compositor musical o briefing do filme novamente, ou seja, que novidades e mudanças haviam sido incorporadas ao projeto e como a música seria introduzida à história.

O próximo passo foi a gravação de efeitos sonoros junto ao músico responsável.

EDIÇÃO ON-LINE

Com a imagem pronta, os animadores iam para a ilha Online onde faziam o retoque final na cor, qualidade e efeitos do filme.

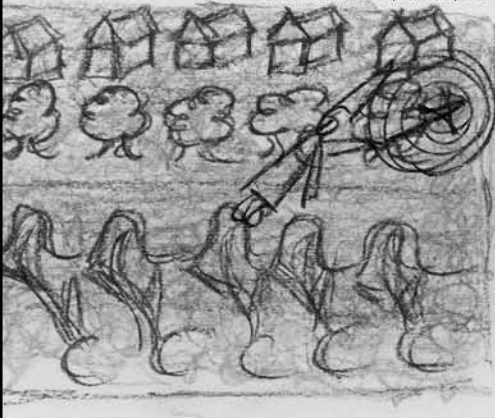
MIXAGEM FINAL

Num misto de sala de cinema e estúdio de som, eles podiam ver o filme na tela grande e unificar a imagem final ao som final.

APRESENTAÇÃO FINAL

No início da décima segunda semana, todas as pessoas que participaram do projeto (diretores, produtores, pessoal técnico, jornalistas, entre outros) foram convidadas para ver o resultado final.

Estrela de oito pontas, Marcos Magalhães | Cebolas são azuis, Marão | Cebolas são azuis, Marão



“Durante nossa estadia no NFB convivemos com muitos autores reconhecidos mundialmente, com excelentes profissionais e com um sistema de produção bastante eficiente em uma estrutura adequada para a realização da animação. Ao longo de 12 semanas, assistimos a muitos filmes, participamos de vários eventos e workshops.

O NFB, apesar de ser uma grande instituição, zela pela vontade pessoal dos seus realizadores. Sendo assim, tivemos ampla liberdade para tomarmos as decisões que tínhamos como necessárias e a de fazer nossos filmes como bem desejávamos.

Neste momento tão delicado e tão oneroso da animação do Brasil, sinto-me bastante realizado por ter sido parte ativa desse projeto. Foi uma excelente experiência de aprendizado e, sobretudo, de vida.

Acredito que essa retomada com o NFB seja um indício do amadurecimento das políticas públicas nacionais de modo a fomentar mercado e conhecimento.

Espero que outros brasileiros tenham essa oportunidade que vivenciamos. Não há nada mais gratificante”.

“Todos lá foram atenciosos e respeitaram a visão artística dos diretores aspirantes. Esse processo que participamos para a realização de uma animação é importante para a obtenção de um resultado mais profissional, conciso e consciente.

Foi uma experiência única”!

CASO HAJA INTERESSE DO LEITOR EM SABER MAIS SOBRE AS EXPERIÊNCIAS E TRABALHOS DESSES DOIS ANIMADORES, ACESSE:

<http://www.diegostoliar.com/>

<http://www.jonasbrandao.cjb.net/>



De janela pro cinema, Quia Rodrigues | O nordestino e o toque de sua campainha, Italo Maia

No âmbito do novo acordo de cooperação, a animadora canadense Martine Chartrand, esteve no Brasil, em meados de 2007, para uma série de palestras e *workshops* sobre a técnica de animação em pintura sobre vidro.

A visita começou por Salvador, em julho, onde Martine foi uma das convidadas do evento *Cinema como meio de transformação: diversidade e inclusão no Brasil e no Canadá*, no Centro Cultural do Solar do Unhão. Também em Salvador, Martine proferiu palestra sobre Animação tradicional e novas mídias, no II Seminário Internacional de Cinema na reitoria da UFBA e realizou *workshops* para animadores e estudantes no Museu de Arte Moderna.

Em São Paulo, no Memorial da América Latina, apresentou seus trabalhos e processos técnicos em palestras para profissionais participantes do ANIMA MUNDI.

Encerrando sua visita deu *workshops* para animadores e estudantes cariocas na PUC, no Rio de Janeiro.

De origem haitiana, mas nascida em Montreal, em 1962, estudou ciências sociais e artes gráficas. Posteriormente dedicou-se às artes plásticas, o que a fez se interessar pelo cinema de animação. Durante cinco anos esteve dedicada a Black Soul, uma de suas mais famosas animações, que lhe deu 22 prêmios, incluindo o Urso de Ouro no Festival de Cinema de Berlim.



APOIO À ANIMAÇÃO

O NOVO ACORDO COM O NFB TROUXE A ANIMAÇÃO DE VOLTA AO CTAV. CRIADO EM 2007, O PROGRAMA DE APOIO À PRODUÇÃO E A DIFUSÃO DO FILME DE ANIMAÇÃO, DESTINA-SE A APOIAR, ANUALMENTE, CINCO OBRAS INÉDITAS NO GÊNERO. ESSE APOIO COMPREENDE FINALIZAÇÃO EM 35 MM, EM DUAS CÓPIAS, INCLUINDO TRABALHOS TÉCNICOS DE TRANSFER, EDIÇÃO DE IMAGEM E ÁUDIO.

O PRIMEIRO EDITAL DO PROGRAMA TEVE 28 TÍTULOS INSCRITOS, ANALISADOS POR UMA COMISSÃO FORMADA POR ALOÍSIO GONZAGA (CTAV), BETH FORMAGGINI (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DOCUMENTARISTAS- ABD) E MARCELO MARÃO (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANIMAÇÃO- ABA).

FORAM SELECIONADOS: *LÚMEN*, DE WILIAN SALVADOR SANTOS; *HOTEL DO CORAÇÃO PARTIDO*, DE RAONI ASSIS; *14 Bis*, DE GUILHERME MENDONÇA DE SOUZA; *UWE*, DE LAVÍNIA CHIANELLO E TOMÁS CREUS; E *COMILANÇA ANIMAL*, DE ÁLVARO CARLOS CRUZ ALVES (CÃO).

OS SERVIÇOS DE KINESCOPIA DO CTAV, TRANSFERÊNCIA (TRANSFER) DE ARQUIVOS DIGITAIS PARA PELÍCULA 35 MM, POR MEIO DE PLATAFORMAS DE PC, TEM SOFTWARE ESPECIALMENTE DESENVOLVIDOS PELOS TÉCNICOS ALOÍSIO GONZAGA E LUIZ FERNANDO FERREIRA.